



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS -
LÍNGUA PORTUGUESA

MÉRCIA BARBOSA DE PAIVA

METAMORFOSEANDO NARRATIVAS: PROTAGONISMO E A
REPRESENTATIVIDADE NEGRA POSITIVA NA OBRA *A COR DA
TERNURA*, DE GENI GUIMARÃES

João Pessoa-PB

2024

Mércia Barbosa de Paiva

METAMORFOSEANDO NARRATIVAS: PROTAGONISMO E A
REPRESENTATIVIDADE NEGRA POSITIVA NA OBRA *A COR DA
TERNURA*, DE GENI GUIMARÃES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras -
Língua Portuguesa, do Centro de Ciências Humanas,
Letras e Artes, da Universidade Federal da Paraíba
(UFPB), como requisito para obtenção da Licenciatura
plena em Letras – Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof.^a Dra. Franciane Conceição da Silva

João Pessoa-PB
2024

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

P149m Paiva, Mercia Barbosa de.

Metamorfoseando narrativas: protagonismo e a representatividade negra positiva na obra A cor da ternura, de Geni Guimarães / Mercia Barbosa de Paiva. - João Pessoa, 2024.

49 f.

Orientadora: Franciane Conceição da Silva.
TCC (Graduação) - Universidade Federal da Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, 2024.

1. Literatura Negro-Brasileira. 2. Representatividade negra. 3. Identidade. 4. Resistência. I. Silva, Franciane Conceição da. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 82.09

MÉRCIA BARBOSA DE PAIVA

METAMORFOSEANDO NARRATIVAS: PROTAGONISMO E A
REPRESENTATIVIDADE NEGRA POSITIVA NA OBRA *A COR DA
TERNURA*, DE GENI GUIMARÃES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do
Curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa, do
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade
Federal da Paraíba (UFPB), como requisito para obtenção da
Licenciatura plena em Letras – Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof.^a Dra. Franciane Conceição da Silva

Monografia avaliada em: 17 de outubro de 2024.

Banca Examinadora

Prof.^a Dra. Franciane Conceição da Silva –DLCV/UFPB
(Orientadora)

Prof.^a Dra. Maria Aparecida Cruz de Oliveira –DLCV/UFPB
(Examinadora)

Prof.^o Dr. Valnikson Viana de Oliveira – UFPB
(Examinador)

Prof.^o Dr. José Wellisten Abreu de Souza – DLPL/UFPB
(Suplente)

João Pessoa
2024

Dedico este trabalho à menina que fui, aquela que, com olhos cheios de sonhos, aguardava este momento. Dentro de mim, ela permaneceu firme, alimentando nossa jornada. Hoje, de mãos dadas, celebramos: nós conseguimos!

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, a Deus por gerar em meu coração um sonho e por ter me ajudado a conquistá-lo, mesmo diante das improbabilidades. Agradeço aos meus pais, Simone Silva e Paulino Paiva por terem me dado asas para que eu pudesse alçar voos altos e por tornarem nossa família um refúgio de descanso quando esses voos me levavam à exaustão, e aos meus irmãos, Pedro Paiva e Lucas Paiva, por serem meus amigos, por sempre me incentivarem e torcerem por mim e, principalmente, por estarem comigo ombro a ombro e nunca encontrarem rivalidades em nossa relação. Amo imensamente vocês e sou feliz por ser uma Paiva.

Não posso, de maneira alguma, deixar de agradecer à minha cunhada, amiga e irmã, Thayane Silva, que tantas e tantas vezes me acolheu e me deu o apoio que precisava, te amo. Agradeço, ainda, ao meu amado sobrinho Pietro Guilherme, que sempre me deu razões para continuar e é o motivo de toda alegria em nosso lar. Saiba que você sempre será o arco-íris que me lembra que as tempestades são passageiras.

Agradeço à dona Severina Laura, minha vovó, por ser a melhor avó que alguém poderia ter e por sempre me receber com a melhor comida do mundo. A comida da senhora tem o sabor do amor e do aconchego. Agradeço à Brenda Rayara, que mesmo de longe tem me dado apoio e me colocado em suas orações, e à Larissa Araújo, que tem estado comigo na jornada acadêmica e da vida desde o ensino fundamental e que acompanhou de perto todos esses momentos. Amo vocês e sou feliz por ter a nossa amizade desde a infância.

Também, quero agradecer aos filhos de Saussure, que me acompanham nessa jornada desde o P1 e estão sempre comigo: Amanda Lins, Caio Augusto, Luan Lopes e Lucas Batista. Agradeço à Kalyana Alencar por me ensinar a me olhar com amor e ao Felipe Borba por sempre me lembrar do tamanho do potencial e da beleza que existem em mim e no fato de ser quem eu sou. Eu amo vocês e essa jornada foi muito mais leve por tê-los/las ao meu lado.

Agradeço ao meu coordenador, Prof. Dr. José Wellisten Abreu de Souza, pela paciência, pelo olhar empático, carinho, cuidado, conselhos e por acreditar no meu potencial enquanto professora. Saiba que serei eternamente grata por tudo. O senhor não sabe o tamanho da gratidão que carrego em meu coração por tudo que já fez por mim. Você tem uma

grandiosa participação na minha conquista. Foi incrível desenvolver o fazer docente sob a sua supervisão.

Não posso deixar de agradecer à família PLEI: Aylane Maria, Cíntia Oliveira, Emily Barreto, Guilherme da Silva, Jamilly Witoria, Joana Antonino, Juliana Melo, Lidyane Santos, Maria Isabel, Rayane Barbosa, Stephanie Freitas, Vitória Barbosa e os demais que não citei, mas que fazem parte dessa família. Compartilhar a docência com vocês foi uma aventura e eu vou guardar com amor e carinho os nossos momentos.

Quero agradecer à minha orientadora, Prof.^a Dra Franciane Conceição da Silva, a quem chamamos carinhosamente de Francy. Obrigada por acreditar e reafirmar a minha potência, por me enxergar a partir de um lugar de afeto. Seus ensinamentos foram fundamentais para que eu me descobrisse e redescobrisse. Não posso deixar de fora o projeto Palavra-Corpo, que foi peça fundamental nessa jornada de retorno a mim mesma na busca pelo autoconhecimento, minha gratidão ao projeto e seus integrantes.

Meus agradecimentos ao Prof. Dr. Valnikson Viana de Oliveira, a quem nós, alunas e alunos, nos habituamos a chamar de Val. Muito obrigada por aceitar o convite para fazer parte da minha banca. Sinto-me muito feliz por isso, pois o senhor também tem sido uma fonte de inspiração na minha jornada, e todas as experiências que tive como sua aluna foram incríveis. Também agradeço à Prof.^a Dra Maria Aparecida Cruz de Oliveira por aceitar o convite para compor esta banca. Infelizmente, não tive a oportunidade de conhecê-la durante a graduação, mas espero encontrá-la em outros momentos dessa jornada acadêmica.

Por fim, quero agradecer aos meus leitores e minhas leitoras e convidá-los/las a se debruçarem na leitura deste trabalho. Saibam que aqui está todo o meu coração e toda a minha dedicação. Este é o resultado de seis anos de empenho consagrados à conquista de um sonho coletivo. Espero que gostem do texto que irão encontrar nas próximas páginas.

Mulher, se fazendo, sob imposições, buscando forças para ser forte.

Mulher, rindo para esconder o medo da sociedade, da vida, dos deslizes dos passos.

Mulher, cuidando da fala, misturando palavras, pronúncias suburbanas aos mil modos de sinônimos rolantes no tagarelar social requintado.

Mulher, jogando cintura, diante das coações e preconceitos.

Mulher, apesar de tudo, a um passo do tesouro: o cartucho de papel.

Geni Guimarães

Resumo

Este trabalho apresenta uma análise da representação da identidade negra positiva na obra *A cor da ternura* (1989), de Geni Guimarães, visando demonstrar como a autora rompe com os padrões canônicos, oferecendo uma representatividade positiva através de suas personagens negras. Os objetos de análise foram os contos “Alicerce” e “Momento cristalino”. Destacaram-se aspectos de como os textos selecionados trazem novas perspectivas e uma representatividade positiva para mulheres negras, além de abordar a discussão acerca da importância da literatura negro-brasileira no cenário literário brasileiro. O trabalho também reflete sobre as representações da mulher negra na literatura canônica e na literatura negro-brasileira, a partir do lugar de quem escreve. A pesquisa caracteriza-se por adotar uma abordagem qualitativa com análise de conteúdo, permitindo a interpretação crítica, ou seja, o posicionamento sobre as significações do material estudado. As análises foram realizadas à luz de Cuti (2010), Evaristo (2009), Cavalleiro (2000), Texeira (2024), Galdino (2020), Novaes (2023), Fernandes e Gomes (2020), Castilho (2004), Cruz e Tofanelo (2019), Ribeiro (2017), hooks (2019) e Santos (2020). Os resultados obtidos na pesquisa mostram que Geni Guimarães, em *A cor da ternura* (1989), utiliza, em suas narrativas, de estratégias que subvertem os estereótipos do cânone e valorizam a identidade negra. As análises dos contos revelam aspectos de resistência, empoderamento, ascensão social e emancipação. Portanto, a obra apresenta representações positivas e contribui para a valorização da literatura negro-brasileira.

Palavras-chave: Literatura negro-brasileira; representatividade negra; identidade; resistência.

Abstract

This study presents an analysis of the representation of positive black identity in the book *A cor da ternura* (1989) by Geni Guimarães, aiming to demonstrate how the author breaks with canonical standards, offering positive representation through her black characters. The objects of analysis were the short stories “Alicerce” and “Momento cristalino”. Aspects of how the selected texts bring new perspectives and positive representation for black women were highlighted, in addition to addressing the discussion about the importance of black-Brazilian literature in the Brazilian literary scene. The work also reflects on the representations of black women in canonical literature and black-Brazilian literature from the perspective of those who write. The research adopts a qualitative approach with content analysis, allowing for critical interpretation, that is, taking a stance on the meanings of the studied material. The analyses were conducted based on the works of Cuti (2010), Evaristo (2009), Cavalleiro (2000), Texeira (2024), Galdino (2020), Novaes (2023), Fernandes and Gomes (2020), Castilho (2004), Cruz and Tofanelo (2019), Ribeiro (2017), hooks (2019), and Santos (2020). The research results show that Geni Guimarães, in *A cor da ternura* (1989), employs narrative strategies that subvert canonical stereotypes and value black identity. The analysis of the short stories reveals aspects of resistance, empowerment, social mobility, and emancipation. Therefore, the work presents positive representations and contributes to the appreciation of black-Brazilian literature.

Keywords: Black-Brazilian literature; positive black identity representation; identity; resistance.

Sumário

INTRODUÇÃO	11
1. A Voz Negra Na Literatura Brasileira	14
1.1 Vozes Que Ecoam: A Relevância Da Literatura Negro-Brasileira	14
1.2 A Literatura Negro-Brasileira No Espaço Escolar	17
1.3 A Mulher Negra Na Literatura Canônica Brasileira: Representação	19
1.4 A Mulher Negra Na Literatura Negro-Brasileira: Autoria	22
2 Personagens Em Destaque: Narrativas De Coragem, Identidade E Transformação	25
2.1 Geni Guimarães: A Ternura E O Legado Em Sua Jornada Literária	25
2.2 <i>A Cor Da Ternura</i> : Obra E Reconhecimento	28
2.3 Fragmentos De Ternura: Resumo Dos Contos De <i>A Cor Da Ternura</i>	30
3 A Representatividade Em A Cor Da Ternura	35
3.1 Identidade E Resistência: O Papel Dos Personagens Na Representação Negra	35
3.2 Análise Dos Contos “Alicerce” E “Momento Cristalino”	38
3.3 Empoderamento E Resistência: Personagens Em Ascensão Nas Narrativas De Geni Guimarães	42
Considerações Finais	45
Referências	46

Introdução

Durante minha jornada acadêmica, ao cursar a disciplina Literatura III - Identidades e Etnias, tive a gratificante oportunidade de conhecer e ser uma das muitas alunas cativadas pelo afeto da professora Franciane Conceição da Silva, nossa professora Francy. Foi através dela e do projeto Palavra-Corpo, do qual ela é coordenadora, que tive os primeiros contatos com uma literatura diferente daquela à qual fui apresentada durante toda a minha vida: a literatura negro-brasileira, especialmente escrita por mulheres negras. Literatura essa que confronta, mas também acolhe. Foi por meio desses confrontos e acolhimentos que passei a compreender a minha própria identidade que, até então, eu desconhecia.

Ao longo dessa jornada, me descobri e redescobri enquanto professora, estudante, tia, filha e irmã, e posso afirmar que me encontrei e reencontrei enquanto mulher negra. A escrita de autoras negras teve um papel fundamental nesse processo. A partir do encontro com essa literatura, me senti e me vi representada pelas narrativas de mulheres semelhantes a mim, com experiências parecidas com as minhas. Pois, muitas vezes, fora das páginas, me deparei com pessoas parecidas com as personagens de Conceição Evaristo (2014; 2017), personagens como Ponciá, Davenga, Kimbá e Natalina. Além disso, também pude me ver representada na personagem do poema "Não Vou Mais Lavar os Pratos", de Cristiane Sobral (2022), e na menina Geni de *A cor da ternura* (1989).

Como dito, foi por meio da professora Franciane que, desbravando essas obras, conheci a menina Geni dos contos presentes no livro *A cor da ternura* (1989). Havia algo ali, naquela personagem, que se assemelhava tanto à menina que fui, quanto à mulher que tenho me tornado. Muitas vezes, os conflitos da menina Geni se misturavam aos conflitos da menina Mércia, a cada página e a cada conto, existia um pouco de mim. Quer dizer, não apenas de mim, mas também da minha família, da minha infância... seja na lembrança do doce momento em que a mãe de Geni trançava seus cabelos, assim como a minha mãe fazia com os meus, seja naquele momento em que a menina prometeu ao pai que se tornaria professora, assim como eu garanti ao meu pai.

Foi a partir desse local de identificação que decidi: *A cor da ternura* (1989) seria o objeto da minha pesquisa. Assim, mergulhei ainda mais no rico universo da literatura negro-brasileira que se apresenta como um campo fundamental no cenário da Literatura Brasileira, pois se destaca por dar visibilidade e espaço para autoras e autores negros(as) que ao longo da história tiveram suas vozes silenciadas e os seus espaços literários negados. Essa

literatura surge como um espaço de resistência que rompe com os padrões da literatura canônica, majoritariamente dominado por autores brancos e por narrativas de invisibilização, como discutirei mais à frente neste trabalho ¹.

A partir disso, decidi explorar a obra inspiradora de Geni Guimarães, uma voz significativa dentro desse cenário. Ela se evidencia por romper com os padrões já mencionados anteriormente, estabelecidos pela literatura tradicional, ao trazer representações positivas das personagens, especialmente de figura feminina. Portanto, com esse trabalho, busco responder a seguinte pergunta: de que maneira a obra *A cor da ternura* (1989) subverte os estereótipos presentes na literatura tradicional e constrói uma representatividade positiva da identidade negra?

Sendo assim, este trabalho objetiva realizar uma análise dos contos “Alicerce” e “Momento Cristalino”, presentes no livro *A cor da ternura* (1989), buscando demonstrar como a autora, Geni Guimarães, rompe com os padrões canônicos, oferecendo uma representatividade positiva da identidade negra através das suas personagens. Para atingir essa meta, os objetivos específicos incluem: demonstrar por meio da análise como os contos selecionados trazem novas perspectivas e uma representatividade positiva para mulheres negras; discutir a importância da literatura negro-brasileira no cenário literário brasileiro; e refletir sobre as representações da mulher negra na literatura canônica e as suas representações na literatura negro-brasileira, a partir do local de autoria.

Diante disso, e com base no que Severino (2013) argumenta sobre a abordagem qualitativa, este trabalho adota uma fundamentação teórica que possibilita uma interpretação aprofundada do material analisado. Além disso, caracteriza-se como uma análise de conteúdo, ao explorar criticamente o objeto textual e refletir sobre suas múltiplas significações. As análises foram realizadas com base nos estudos de Cuti (2010), Evaristo (2009), Cavalleiro (2000), Teixeira (2024), Galdino (2020), Novaes (2023), Fernandes e Gomes (2020), Castilho (2004), Cruz e Tofanelo (2019), Ribeiro (2017) e hooks (2019).

Portanto, a justificativa desse trabalho tem como premissa de que a literatura é importante para a formação de identidades positivas, sobretudo no Brasil que, apesar de diverso, tem a sua literatura dominada pela escrita de autoria branca. A valorização, reconhecimento e inclusão da literatura negro-brasileira, principalmente no currículo escolar,

¹ Uso os termos ‘literatura tradicional’, ‘literatura branca’ e ‘literatura canônica’, como sinônimos. Refiro-me às obras consagradas e legitimadas historicamente pela academia e pela sociedade. Elas compõem um cânone literário que por muito tempo representou a norma dentro dos espaços acadêmicos e artísticos.

é fundamental para que leitores e leitoras, especialmente negros e negras, vejam suas vivências representadas de maneira autêntica e complexa. Além disso, este trabalho contribui para a valorização da produção desses escritores e escritoras negros(as), provocando reflexões sobre como a literatura pode ser um recurso de valorização social.

Por fim, a estrutura deste trabalho está organizada em três seções, além desta introdução. Na primeira, é abordada a relevância da literatura negro-brasileira como um espaço de resistência e valorização de vozes negras. Na segunda, discute-se as representações da mulher negra na literatura canônica e como a literatura negro-brasileira subverte essas representações, especialmente por meio da escrita de autoras negras. Na terceira, são realizadas as análises de contos da obra *A cor da ternura* (1989), dando destaque às estratégias utilizadas por Geni Guimarães na construção da representatividade positiva. Por último, temos as considerações finais, que apresenta as reflexões obtidas a partir dessas análises.

1. A Voz Negra Na Literatura Brasileira

A literatura negro-brasileira surge com uma proposta estética distinta da literatura tida como tradicional, porque oferece uma ideia que desafia e rompe as narrativas dominantes. Assim, este capítulo aborda como essa vertente se diferencia da literatura canônica brasileira de escritores brancos, em termos de temática e, principalmente, autoria e representação. Além disso, procura discutir o modo dessa literatura se posicionar como uma forma de resistência política e cultural. Sendo assim, o capítulo analisa a representação da figura da mulher negra na literatura tradicional e explora, em contrapartida, a autoria feminina negra, que cria e reivindica os espaços de representação anteriormente marginalizados.

1.1 Vozes que ecoam: a relevância da literatura negro-brasileira

A literatura negro-brasileira nasce como um projeto estético a partir da necessidade de visibilizar e dar destaque à cultura, vivências e histórias da população negra brasileira. Essa literatura se opõe a literatura branca, representada pelo cânone, que por diversas vezes, em suas narrativas, apaga, marginaliza e estereotipa os personagens negros. Esse assunto é muito discutido por Cuti, cujo nome verdadeiro é Luiz Silva, ele se destaca como um escritor, poeta, ensaísta e crítico literário brasileiro, cuja contribuição é fundamental para o entendimento e a promoção dessa literatura. Cuti (2010) explora profundamente as dinâmicas de marginalização e resistência presentes na literatura negra:

A literatura negro-brasileira nasce na e da população negra que se formou fora da África, e de sua experiência no Brasil. A singularidade é negra e, ao mesmo tempo, brasileira, pois a palavra “negro” aponta para um processo de luta participativa nos destinos da nação e não se presta ao reducionismo contribucionista a uma pretensa branqueira que a englobaria como um todo a receber, daqui e dali, elementos negros e indígenas para se fortalecer. Por se tratar de participação na vida nacional, o realce a essa vertente literária deve estar referenciado à sua gênese social ativa. O que há de manifestação reivindicatória apoia-se na palavra “negra” (Cuti, 2010, p. 44-45).

Logo, podemos definir essa literatura como um grupo de obras literárias de autoria negra que pode abordar em suas narrativas a cultura, a identidade e as experiências do povo negro no Brasil. Ou seja, “a produção literária de negros e brancos, abordando as questões inerentes às relações inter-raciais, tem vieses diferentes por conta da subjetividade que a sustenta, em outras palavras, pelo lugar socioideológico de onde esses produzem” (Cuti, 2010, p. 33). Isso faz com que ela se diferencie não somente pela categorização racial, mas também pelo foco na vivência dessa parte da população. Sendo assim, em suas narrativas, são

explorados temas como ancestralidade, racismo, luta por igualdade de direitos, relações familiares, afetivo-amorosas, autoestima e cotidiano.

Isso acontece porque o termo literatura negro-brasileira surgiu com maior destaque dentro do contexto de movimentos sociais que buscavam ampliar a representatividade negra nos espaços artísticos presentes na sociedade brasileira. Essa concepção foi consolidada por escritores como Cuti (2010), autores que desempenharam um papel de suma importância na defesa do reconhecimento e valorização das produções literárias de autoras e autores negros(as). Por meio de suas obras e esforços, essas escritoras e escritores fizeram contribuições que fortaleceram essa literatura que se diferencia por desafiar a estética e ideologia da literatura tradicional brasileira. Acerca disso, pode-se afirmar que essa literatura tradicional brasileira é predominantemente composta por vozes masculinas e brancas. Evaristo (2009) menciona que “a literatura brasileira é *abusivamente* branca, em seu propósito de invisibilizar e estereotipar o negro e o mestiço” (Cuti, 2002, *apud* Evaristo, 2009, grifo nosso). Isso deve-se ao fato de que, historicamente, a cultura dominante e a crítica literária sempre valorizaram a produção de autores brancos, enquanto negavam espaço e visibilidade a autoras e autores negros(as).

Ademais, a vertente literária que estamos discutindo traz como característica principal o posicionamento contra a visão predominantemente negativa e estereotipada do negro que foi estabelecida nas narrativas do cânone. Enquanto esta retrata os personagens negros de maneira secundária e subordinada, aquela busca colocá-los como protagonistas de suas histórias, sendo assim, eles passam a ser vistos e representados de maneira humanizada e complexa:

Reverter os valores, introduzir personagens na história, dar-lhes um espaço/tempo e uma outra movimentação a partir de uma ótica e de uma criação próprias, encontrar seus heróis e construir uma épica negra é uma das constantes que pode ser observada na literatura negra (Evaristo, 2010, p. 7).

Portanto, a literatura negro-brasileira atua de forma contundente na maneira como nós, pessoas negras, nos vemos representadas na sociedade. Caracterizar de maneira profunda e autêntica nossas experiências permite que os leitores negros e leitoras negras se vejam representados(as) de maneira positiva. Isso quer dizer, ao invés de representações secundárias carregadas de imagens negativas, o indivíduo negro é apresentado como personagem principal de sua própria história, passando a ter uma identidade que fortalece a autoestima e o senso de pertencimento de sua comunidade. Conforme destaca Conceição Evaristo (2009): “Esses processos de construção de personagens e enredos destoam dos modos estereotipados ou da

invisibilidade com que negros e mestiços são tratados pela literatura brasileira, em geral” (Evaristo, 2009, p. 20).

Em *Literatura negro-brasileira*, Cuti (2010) enfatiza a importância de denominar a literatura de autoria negra no Brasil de literatura negro-brasileira e não de afro-brasileira. Na concepção do teórico, aquela foca especificamente em autores negros e suas experiências, enquanto esta pode incluir uma diversidade maior de autores e temas. De acordo com Cuti:

Denominar de afro a produção literária negro-brasileira (dos que se assumem como negros em seus textos) é projetá-la à origem continental de seus autores, deixando-a à margem da literatura brasileira, atribuindo-lhe, principalmente, uma desqualificação com base no viés da hierarquização das culturas, noção bastante disseminada na concepção de Brasil por seus intelectuais. “Afro-brasileiro” e “afrodescendente” são expressões que induzem a um discreto retorno à África, afastamento silencioso do âmbito da literatura brasileira para se fazer de sua vertente negra um mero apêndice da literatura africana. Em outras palavras, é como se só a produção de autores brancos coubesse compor a literatura do Brasil. [...] Quanto aos autores, um afro-brasileiro ou afro-descendente não é necessariamente um negro-brasileiro (Cuti, 2010, p. 35-38).

Ou seja, o uso das expressões “afrodescendente” e “afro-brasileiro” para intitular as obras de autores negros no Brasil acaba por excluir esses escritores da literatura brasileira, ao associar suas produções à origem continental africana. Tais termos os deslocam do núcleo da literatura brasileira, sugerindo uma distinção cultural que reforça a ideia de que somente as produções de autores brancos são genuinamente brasileiras. Essa desqualificação da contribuição de autores negros os relega a uma posição de apêndice da literatura africana, distanciando-os da literatura nacional e criando uma hierarquização das culturas. Portanto, pode-se concluir que a escolha de termos como “afro-brasileiro” pode carregar inferências de exclusão que reforcem a ideia de um Brasil culturalmente dividido.

Vale ressaltar que, ainda que a literatura negro-brasileira seja vista como uma categoria específica, ela faz parte do amplo leque da literatura brasileira, pois, ao mesmo tempo em que suas narrativas desafiam as narrativas do cânone, questionando as representações e vozes que narram a história, também contribuem para a diversidade literária brasileira, expandindo o que entendemos como literatura nacional (cf. Cuti, 2010). Por isso, penso que a *Literatura Negro-Brasileira* não deve ser vista de modo separado da literatura brasileira, mas sim como uma parte fundamental para o entendimento da história e cultura do Brasil. Dessa maneira, como pesquisadora, vejo que é essencial destacar que essas narrativas não estão limitadas somente em retratar e denunciar a marginalização e o racismo sofridos pela população negra no Brasil, mas também buscam enaltecer a cultura e o indivíduo negro, suas tradições e as contribuições feitas ao longo da história e construção do país.

1.2 A Literatura Negro-Brasileira no espaço escolar

Enquanto estudante, durante o meu Ensino Fundamental e Médio, eu não tive contato com nenhuma obra de literatura negro-brasileira, apesar de sempre ter tido contato com a literatura e ter sido incentivada a ler desde muito pequena pelo meu pai. Assim, durante toda a minha trajetória escolar, as únicas obras às quais tive acesso foram de autoria branca. Não tive acesso, nem mesmo, às obras de Machado de Assis. O meu primeiro contato com a literatura negro-brasileira ocorreu somente na graduação e, a princípio, me surpreendi, pois não tinha noção de que existia uma literatura na qual eu me visse tão representada e de tantas maneiras. A surpresa maior foi me identificar profundamente com as vivências dos personagens, desde então, comecei a compreender melhor a minha identidade, que até então era desconhecida por mim mesma, uma vez que, ao estar no lugar de ‘mulher parda’, não me via como branca, mas também não me reconhecia enquanto mulher negra.

Esse processo foi de extrema importância para que, como professora em formação e atuante, eu entendesse o quanto essa literatura também seria importante para minhas alunas e alunos que não se viam representados na literatura tradicional. Assim como eu, muitos não reconheciam sua identidade por se encontrarem em um limbo de apagamento. A partir desse ponto, mediar essa literatura dentro da sala de aula tornou-se um divisor de águas na minha formação e atuação enquanto docente. Ver meus alunos se reconhecendo nas obras que apresento, e se vendo representados de vários modos, tem sido extremamente satisfatório. Além disso, as obras também contribuem para a formação do pensamento crítico dos(as) estudantes brancos(as), como afirma a Eliane Cavalleiro (2000):

A ausência de informação pode representar para a criança branca a ideia de pertencer a um grupo étnico superior, visto que essa ideia é muito difundida pela sociedade de modo implícito e até mesmo explícito. Por outro lado, para a criança negra, o silêncio sobre o preconceito pode levá-la a entender o seu grupo como inferior, ideia que se conforma, automaticamente, à superioridade branca (Cavalleiro, 2000, p.86)

Diante disso, a valorização e inclusão da literatura negro-brasileira no currículo escolar é fundamental para que as turmas, sobretudo aquelas formadas por indivíduos negros, vejam as suas histórias, vivências e, principalmente, identidades representadas de maneira positiva. Essa representatividade garante a construção de uma identidade pelo fortalecimento da autoestima de alunos(as) que muitas vezes se veem representados de maneira marginalizada ou subalternizada nas narrativas tradicionais. Ao ler sobre personagens e

histórias que retratam suas experiências, esses(as) estudantes passam a se sentir mais interessados(as) e conectados(as) ao conteúdo proposto pela escola. Pois,

[...] as narrativas literárias negro-brasileiras incorporadas na escola podem ser compreendidas como um expediente que [...] colabora para a construção da subjetividade negra e, ainda, mantém a memória ancestral e a preserva para o enfrentamento das práticas de racismo, sobretudo dentro do contexto escolar (Teixeira, 2024, p. 27).

Além disso, narrativas de autoria negra oferecem um olhar diversificado da história do nosso país, pois incluem acontecimentos e perspectivas que são omitidas ou deturpadas nas narrativas da literatura tradicional. Sobre essa discussão, a professora e pesquisadora, Polliana da Penha Silva Galdino (2020) menciona que

A partir do momento em que um/a professor/a decide trazer uma literatura escrita por autores/as negros/as para a sua sala de aula, esse/a docente transgride barreiras impostas secularmente, apresentando aos estudantes uma nova forma de literatura, um novo modo de construir histórias. (Galdino, 2020, p. 15).

Portanto, por meio dessas obras, os alunos e as alunas têm a oportunidade de aprender sobre as contribuições da população negra para a formação do Brasil, desde o período da colonização, até os dias atuais. Isso torna-se essencial para que os/as estudantes compreendam as relações sociais brasileiras e reconheçam a importância dos grupos sociais que a compõem. Esse trabalho com a literatura em sala de aula desafia o alunado a desenvolver o pensamento crítico e a refletir sobre as desigualdades sociais, principalmente estruturais, presentes em nossa sociedade. É preciso entender que “estimular uma educação que entenda os diferentes tipos de etnias, proporcionará um novo tipo de sujeito, e, assim, uma sociedade sem preconceito” (Galdino, 2020, p. 31).

Vale ressaltar, ainda, que a inclusão da literatura negro-brasileira nas escolas está em consonância com o artigo 26-A, da Lei nº 9.394/96, com redação conferida pela Lei nº 10.639 de 2003, que institui o seguinte:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º **O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.**

§ 2º **Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de**

Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras (Brasil, 1996; 2003, grifos nossos).

Ao cumprir com essas diretrizes, as escolas desempenham um papel importante na construção de cidadãos comprometidos com a promoção da justiça social, além de contribuir com a construção e afirmação de uma identidade positiva desses/as estudantes.

1.3 A mulher negra na literatura canônica brasileira: representação

Leila Carla Antunes Novaes (2023), pedagoga e mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, afirma que “os desafios encontrados por mulheres negras são ainda maiores, pois enfrentam o preconceito de raça, gênero e classe” (Novaes, 2023, p. 23). Ainda maiores, pois a nossa realidade enquanto mulheres negras na sociedade brasileira sempre foi marcada por luta e resistência. Desde a época da escravização, até os dias atuais, mulheres negras continuam a enfrentar uma tripla violência, como destacado pela pedagoga: por gênero, por raça, e por classe.

No período de opressão escravocrata do Brasil, milhares de mulheres foram raptadas da África e trazidas à força para o nosso país, sujeitas a condições desumanas, sendo obrigadas a trabalhar nas plantações, minas e casas dos brancos (como mucamas). Além da violência sofrida pelo trabalho forçado, muitas foram violentadas sexualmente, como ressaltam Leonísia Moura Fernandes e Raíza Feitosa Gomes em *O legado colonial da violência sexual no Brasil* (2020):

Povos africanos foram submetidos a mais de três séculos de escravidão, sendo a base da mão de obra do sistema produtivo brasileiro. Foram empregados nas lavouras e minerações, nos serviços domésticos etc. Nessa conjuntura, as mulheres negras escravizadas foram sistematicamente estupradas em todo o Brasil, sua sexualidade foi apropriada e significada pelos homens brancos [...] (Fernandes; Gomes, 2020, p. 22).

Após a abolição da escravidão, em 1888, essas mulheres enfrentaram também novos desafios, pois encontravam-se sem-terra e sem acesso à educação ou emprego formal, por isso, continuaram trabalhando em condições precárias. A marginalização social e econômica manteve uma boa parte da população negra em posição menos privilegiada na sociedade brasileira. No entanto, ainda no pós-abolição, com o crescimento dos movimentos pelos direitos civis, as mulheres negras no Brasil organizaram-se de maneira mais estruturada, promovendo abordagens para combater a (o)pressão que enfrentavam. De lá para cá, essas mulheres avançaram em representatividade, destacando-se na academia, política, cultura, e

em outros espaços que lhes foram negados, mas, apesar dos avanços, ainda enfrentam diversos estigmas e exclusões. Suas trajetórias de resistência moldam a identidade nacional e deixam marcas na sociedade, refletidas de várias maneiras, dentre elas, na literatura, conforme corrobora Novaes (2023):

Seja como revolucionárias contra a escravidão, profissionais da área de educação, escritoras renomadas, poetisas, jornalistas, atrizes e em outras áreas, elas trazem consigo [as mulheres negras] exemplos de luta e vitória na adversidade. Conseguiram ocupar espaços considerados de prestígio, refletindo assim suas conquistas (Novaes, 2023, p. 90).

Porém, na Literatura Canônica, a figura da mulher negra é quase nula e, quando existente, aparece de maneira sub-representada. A escrita de autores brancos, especialmente os considerados canônicos, desconsidera e ignora as contribuições e experiências de mulheres negras, apesar do papel desempenhado por nós na sociedade brasileira. Temos como consequência disso, a marginalização e uma colaboração para a invisibilidade cultural e histórica, isso faz com que as nossas contribuições e experiências não sejam valorizadas e reconhecidas.

Além disso, esse apagamento das personagens negras na Literatura Canônica pode ter efeitos negativos na forma como a sociedade enxerga e compreende as experiências dessas mulheres, pois, quando a presença é limitada, a projeção de visões estereotipadas é mais fácil. Esse apagamento também traz como consequência a falta de representação, pertencimento e identidade para as leitoras negras e leitores negros, pois não se veem contemplados por essa literatura.

Quando mulheres negras aparecem na escrita de autores canônicos, elas continuamente desempenham papéis secundários, reforçando o estereótipo da serva, da empregada, figuras que estão à disposição do personagem branco, até mesmo de maneira sexualizada, “[...] de modo a reforçar o estereótipo da mulher negra enquanto exagerada nas práticas sensuais e sexuais” (Castilho, 2004, p. 107). Frequentemente, essas personagens são desenvolvidas de maneira superficial e seus conflitos internos, histórias pessoais e motivações, não são explorados; elas aparecem no enredo apenas para servir aos interesses dos personagens brancos. Isso é, “nesses livros o personagem negro, assim como sua história e sua cultura, praticamente inexistem. Enquanto, em relação ao branco, exaltam-se suas qualidades, belezas e cultura de maneira explícita, de forma a reforçar a ideologia da superioridade branca” (Castilho, 2004, p. 109).

Outro estereótipo que frequentemente aparece nessas obras é o da mulher selvagem, que retrata a mulher negra como agressiva, impulsiva ou raivosa, sendo muitas vezes utilizado

para justificar a marginalização e opressão dessas mulheres. Além do estereótipo da “mãe preta”, que representa a imagem da mulher negra como figura de apoio, que são cuidadoras e trabalhadoras, trazendo uma figura idealizada da mulher negra como a “mãe” que se sacrifica e cuida. Porém, é importante destacar, esse sacrifício e cuidado são voltados à prole dos brancos. Dessa forma, esse estereótipo limita, novamente, a percepção de mulheres negras ao papel de servidão e cuidado, como corrobora Evaristo (2009):

À personagem negra feminina é negada a imagem de mulher-mãe, perfil que aparece tantas vezes desenhado para as mulheres brancas em geral. E quando se tem uma representação em que ela aparece como figura materna, está presa ao imaginário da mãe-preta, aquela que cuida dos filhos dos brancos em detrimento dos seus (Evaristo, 2009, p. 23-24).

Esses estereótipos distorcem a realidade dessas mulheres e ignoram as suas histórias e complexidades, reduzindo suas imagens a narrativas carregadas de preconceitos, violências e desumanização, negando a essas mulheres o direito de serem vistas como indivíduos complexos e subjetivos. Isso não afeta apenas como elas são percebidas, mas também como são tratadas na sociedade, muitas vezes tendo os seus direitos negados, perpetuando um ciclo de marginalização. A esse respeito, Rosângela Aparecida Cardoso da Cruz e Gabriela Fonseca Tofanelo (2019), em “Entre presenças e ausências: vozes negras na literatura brasileira contemporânea” (2019), destacam que:

Desde o século XVII, pelo menos, até a contemporaneidade, a literatura canônica brasileira reproduz um discurso que submete as mulheres negras e o povo negro, em linhas gerais, a lugares predeterminados. Lugares social, histórico e culturalmente alicerçados sob as bases de estereótipos e/ou estigmas que situam esta parte da população brasileira sob os vieses de um passado escravocrata. Esta sub-representação literária retira de negras/os a humanização e as/os coloca num patamar objetificado, de seres bestializados (Cruz; Tofanelo, 2019, p. 2)

Considerando esse contexto, é inegável que a sub-representação e os estereótipos ligados à imagem das mulheres negras na Literatura Canônica são resultados do racismo presente na estrutura da nossa sociedade, que persiste em nos excluir. A marginalização dessas personagens no que é considerado como Literatura Tradicional, além de distorcer a realidade, também promove a invisibilidade e o apagamento histórico e cultural, que não afeta somente as narrativas literárias, como também influencia a maneira como a sociedade está estruturada e define quem deve ocupar os espaços de notoriedade e quem ocupa os espaços subalternizados.

Portanto, é fundamental ampliar o espaço para que autoras negras possam trazer à luz as suas narrativas, de modo a promover a representatividade e o reconhecimento da

contribuição histórica e cultural das mulheres negras, permitindo que elas ocupem os seus lugares de direito, não só nas narrativas literárias, como também em nossa sociedade.

1.4 A mulher negra na literatura negro-brasileira: autoria

A literatura produzida por mulheres negras no Brasil se estabelece como uma forma de resistência histórica, cultural e política, pois se opõe às narrativas tradicionais que, durante anos, colocaram as mulheres negras em posições inferiores e marginalizadas, apagando suas histórias e silenciando, durante muito tempo, suas vozes. O fazer literário dessas autoras resgata suas identidades e valoriza suas vivências, além de contestar as representações estereotipadas e as narrativas apresentadas na literatura de autoria branca, com marcas e influências do colonizador. Nesse sentido, Evaristo (2010) discorre que:

Para determinados povos, principalmente aqueles que foram colonizados, a poesia torna-se um dos lugares de criação, de manutenção e de difusão de memória, de identidade. Torna-se um lugar de transgressão ao apresentar fatos e interpretações novas a uma história que antes só trazia a marca, o selo do colonizador. É também transgressora ao optar por uma estética que destoa daquela apresentada pelo colonizador (Evaristo, 2010, p. 2).

É desse modo que a escrita de autoras negras permite não somente reescrever, como também desmentir a história oficial do país, que por diversas vezes omite e desvirtua as contribuições e a história da população negra do Brasil. Por meio de suas obras, autoras negras apresentam novas possibilidades que reconfiguram, desafiam as estruturas sociais e resgatam a identidade da população negra. Enxergo, dessa forma,

“[...] a literatura buscar modos de enunciação positivos na descrição desse corpo [negro]. A identidade vai ser afirmada em cantos de louvor e orgulho étnicos, chocando-se com o olhar negativo e com a estereotipia lançados ao mundo e às coisas negras” (Evaristo, 2010, p. 3).

Ao trazer o personagem negro como protagonista de suas narrativas e contar histórias de resistência, humanidade e heroísmo, essas autoras promovem uma quebra de padrões enraizados em nossa sociedade, rompendo com as representações estabelecidas pela literatura canônica.

Consequentemente, podemos dizer que essas autoras escrevem a partir de seus lugares de fala, conceito definido pela autora Djamilia Ribeiro (2017) como o reconhecimento de que todos os indivíduos possuem uma posição específica na sociedade; isto determina suas identidades e experiências histórico-sociais. Logo, “Pensar lugar de fala seria romper com o silêncio instituído para quem foi subalternizado, um movimento no sentido de romper com a hierarquia [...]” (Ribeiro, 2017, p. 50). Para a autora, o lugar de fala não representa somente o

local de pertencimento desses indivíduos, mas também o reconhecimento e validação de suas experiências, pois esse lugar de fala evidencia as vozes que, histórica e socialmente, foram marginalizadas e silenciadas. Portanto, ao escreverem, as autoras negras oferecem uma visão legítima de suas vivências, revelando a complexidade de ser uma pessoa negra no país; suas narrativas denunciam a desigualdade social, o racismo e trazem questões de identidade, evidenciando não apenas suas vozes, mas também amplificando uma voz coletiva. “Quando falamos de sujeito na literatura negra, não estamos falando de um sujeito particular, de um sujeito construído segundo uma visão romântico-burguesa, mas de um sujeito que está abraçado ao coletivo” (Evaristo, 2010, p. 5). Essa escrita permite que tanto essas mulheres autoras quanto seus leitores e leitoras negros(as) construam e reafirmem suas identidades, tornando a literatura negro-brasileira também uma arma de empoderamento e identificação.

Na Literatura Negro-Brasileira, autoras negras desempenham um papel de grande importância no resgate e reconstrução da imagem da mulher negra, criando personagens que são complexas, que possuem suas próprias histórias e subjetividade; são resilientes, insubmissas e heroínas de suas narrativas, rompendo com a imagem negativa criada pela Literatura Tradicional. Enquanto na Literatura Canônica, a mulher negra é desumanizada ou reduzida a imagens como a da “mãe preta” ou a da “mulata sensual”, nas obras de escritoras negras, esses estereótipos são afastados e as personagens passam a ter complexidade e protagonismo, desafiando os padrões de representação dominantes. Temos de referência, nessa literatura que rompe com os padrões tradicionais, autoras como Carolina Maria de Jesus, que fez da literatura uma arma poderosa de crítica social, oferecendo uma visão realista das condições de vida da população negro-brasileira periférica de sua época. Contamos, também, com Conceição Evaristo, conhecida por abordar em suas obras a representatividade, ancestralidade e discutir questões de raça, gênero e identidade; a escrita de Conceição é marcada pelo conceito de ‘escrevivência’, termo criado por ela para descrever as experiências e vivências de mulheres negras, coletivizadas através dessa literatura feminina (Evaristo, 2020). Cabe, ainda, citar a escritora Miriam Alves, que tem como característica de sua escrita a resistência e afirmação da identidade negra, buscando em suas obras dar destaque a narrativas marginalizadas. No contexto das escritoras da nova geração, podemos, também, citar Cristiane Sobral, que explora em suas obras temas relacionados à maternidade, autoaceitação e autoestima, e Taylane Cruz, cujas obras se destacam por temas relacionados ao feminismo negro e interseccionalidade, ambas também abordam as experiências diversas da mulher negra. Por último, mas não menos importante, temos Geni Guimarães, que, por sua vez, assim como as autoras citadas anteriormente, também é uma das autoras relevantes na

literatura de autoria negra no Brasil. Suas obras exploram temas como negritude, racismo, relações familiares e educação. Geni é autora da obra que será analisada neste trabalho, *A Cor da Ternura* (1989).

2. Personagens em destaque: narrativas de coragem, identidade e transformação

A cor da ternura (1989), da autora Geni Guimarães, nos mostra personagens com histórias que ultrapassam as limitações impostas pelo racismo e exclusão presentes em nossa sociedade. Esses indivíduos são representados de maneira complexa e refletem aspectos das experiências da identidade negra, os personagens que compõem as narrativas dessa obra não são apenas símbolo de luta e resistência, mas figuras humanas carregadas de sonhos, desafios e subjetividades. Por meio desses personagens, a autora constrói narrativas que destacam a coragem e a força da população negra, enquanto reivindica os espaços de direito e valorização racial e cultural. Esse cenário é fundamental para compreendermos o papel de Geni Guimarães na literatura negro-brasileira, visto que suas narrativas apresentam novas perspectivas, criando espaços de representatividade carregados de afeto e força, desafiando as narrativas e representações presentes na literatura canônica.

2.1 Geni Guimarães: a ternura e o legado em sua jornada literária

A autora, Geni Guimarães, nasceu em 8 de setembro de 1947, em uma fazenda no município de Vilas Boas, no interior de São Paulo. Aos 5 anos, mudou-se para outra fazenda, localizada em Barra Bonita. Vinda de uma família de nove filhos, sendo a penúltima, Geni foi a única entre os irmãos que teve a oportunidade de estudar, tornando-se motivo de orgulho para sua família. Desde muito jovem, demonstrou interesse pela literatura. Isso se intensificou durante sua formação acadêmica: “bem antes de frequentar a escola oficial, eu ‘lia’ poesia e história em tudo quanto eram livros, revistas e jornais que encontrava. Quando entrei para a escola, o professor me contou que eu era poeta e, vendo que isso era bom, assumi por inteiro o privilégio do dom” (Guimarães, 1989, p. 91). Ainda na adolescência, Geni escreveu e publicou contos e crônicas para os jornais “Debate Regional” e “Jornal da Barra”. Graduiu-se em pedagogia e combinou sua paixão pela educação com a escrita, dedicando-se à produção de crônicas, poesias e contos. Sua primeira obra foi o livro de poemas *Terceiro filho* (1979), que traz relatos de sua infância e adolescência. Logo após, lançou *Da flor o afeto* (1981), também um livro de poemas, e, ainda nesse ano, fez publicações na coletânea *Cadernos Negros*². Sete anos depois, Geni publicou o livro de contos *Leite do peito* (1988), republicado,

² Coletânea literária criada em 1978 que reúne poemas, crônicas, contos e outros textos de autoras e autores negros(as) brasileiros(as). Publicada anualmente, alterna entre poesia e prosa, explorando temas como racismo, ancestralidade, amor, espiritualidade e o cotidiano de pessoas negras. O principal objetivo de *Cadernos Negros* é oferecer espaço de expressão e dar visibilidade a escritoras e escritores negros.

um ano depois, sob o título *A cor da ternura* (1989). Com essa obra, Guimarães venceu o Prêmio Jabuti em 1990. Após a morte de seu marido, em 2003, Geni Guimarães passou mais de uma década sem publicar, retornando com os livros *O pênalti* (2019) e *Poemas do regresso* (2020). Atualmente, a autora ainda reside na cidade de Barra Bonita.

Geni Guimarães traz, em suas obras, questões fundamentais que refletem a realidade e trajetória do povo negro no Brasil. Em suas narrativas, além de explorar questões sociais e culturais, também trabalham temas emocionais e complexos, relacionados às vivências da negritude. Por meio do seu fazer literário, ao criar personagens e enredos que abordam questões que vão desde as dores e os problemas provocados pelo racismo, até a resistência, resiliência e pluralidade cultural da comunidade negra, Geni traz visibilidade e destaque para questões ignoradas e marginalizadas, reivindicando espaços de pertencimento e dignidade. Suas obras não narram somente histórias, mas também convidam os/as leitores/as a confrontar e se reconhecer diante de um sistema social que omite e apaga a identidade e história de pessoas não brancas.

A escrita de Geni Guimarães é de suma importância para a literatura negro-brasileira, pois além da qualidade, há a riqueza dos elementos estéticos oferecidos pelos seus textos, que apresentam uma visão complexa e valiosa das experiências negras. É importante ressaltar que suas histórias exploram temas que não se limitam apenas ao racismo e identidade. Pois, abordam também temáticas como o empoderamento feminino e relações familiares, além de dar espaço para discussões relacionadas à educação. A sua linguagem imagética e poética explica a qualidade da construção de suas narrativas: ela aborda, em seus textos, as questões raciais de maneira impactante, corajosa e, principalmente, inquietante. A exemplo do conto “Metamorfose”, encontrado na obra analisada, que apresenta a protagonista, assim como a autora, chamada Geni. No conto, a personagem é uma menina negra que constantemente precisa enfrentar e lidar com a discriminação racial, fazendo ela acreditar, desde cedo, que a cor de sua pele é algo a ser rejeitado. Assim, isso provoca um conflito com a sua autoimagem e faz a personagem desejar ser outra. Essa rejeição faz com que a menina pratique um ato de violência contra si mesma, esfregando sua pele com pó de tijolo triturado, na tentativa de remover sua cor e corrigir o que, para ela, é um defeito.

Até então, as mulheres da zona rural não conheciam “as mil e uma utilidades do bombril” e, para fazerem brilhar os alumínio, elas trituravam tijolos e com o pó faziam a limpeza dos utensílios. A ideia me surgiu quando minha mãe pegou o preparado e com ele se pôs a tirar da panela o carvão grudado no fundo. Assim que ela terminou a arrumação, voltou para casa. Eu juntei o pó restante e, com ele, esfreguei a barriga da perna. Esfreguei, esfreguei, e vi que, diante de tanta dor, era impossível tirar todo o negro da pele (Guimarães, 1998, p. 65).

Esse ato doloroso de autoviolência não somente reflete e denuncia os impactos do racismo presente em nossa sociedade, como também retrata a realidade e vivência das nossas crianças negras que, na tentativa de se encaixar nos padrões de beleza racistas, violentam o próprio corpo, tentando apagar a sua identidade, no desejo desesperado de fugir do preconceito e da dor provocados pelo racismo. A escritora, feminista, acadêmica e ativista estadunidense, bell hooks (2019), destaca:

Uma vez que as pessoas negras, especialmente as mais pobres, são bombardeadas por mensagens de que não temos valor, de que não somos importantes, não é de surpreender que caiamos na armadilha do desespero nihilista ou nas formas de vício que fornecem um escape momentâneo... (hooks, 2019, p. 60).

A citação de bell hooks (2019) reforça a ideia de que essas crianças, ao tentarem se encaixar nos padrões racistas, são levadas a lidar com exigências culturais que negam os seus valores e as levam a situações de conflitos internos, autonegação, dor e desespero.

Em um contexto literário que durante muito tempo foi dominado pela escrita de pessoas brancas, Geni Guimarães se destaca como uma voz que subverte as narrativas hegemônicas, apresentando a subjetividade e vivências da população negra, além disso, a autora também apresenta um novo olhar para o personagem negro, Geni traz uma representação positiva e diferente do que é apresentado em muitas obras, como afirma Conceição Evaristo (2009) ao comentar Geni Guimarães e a sua obra *A cor da ternura* (1989):

Afirmando um contra-discurso à literatura produzida pela cultura hegemônica, os textos afro-brasileiros [e negro-brasileiros] surgem pautados pela vivência de sujeitos negros/as na sociedade brasileira e trazendo experiências diversificadas, desde o conteúdo até os modos de utilização da língua (Evaristo, 2009, p. 27).

No conto intitulado “Momento cristalino” (1989), do mesmo livro citado por Evaristo, essa representação positiva pode ser observada quando a autora retrata uma família negra como amorosa e funcional, além disso, ao contrário do que é encenado em muitas obras canônicas que apresentam personagens negros de maneira marginalizada, a protagonista conquista a sua ascensão social por meio da conclusão de sua graduação, reivindicando e ocupando um espaço de prestígio.

Fui chamada para receber o certificado. Eles, meus pais, não se puderam conter só com as palmas. Levantaram e me aplaudiram em pé. Mãos abertas, barulhentas, livres. Meus irmãos, contagiados, perderam a timidez e também se puseram em pé, me aplaudindo e apontando, como se só eu existisse ali, como se no momento eu estivesse me apossando da chave do céu (Guimarães, 1989, p. 81).

Por meio de suas obras, Geni consegue retratar as experiências negras na sociedade brasileira, sobretudo a vivência da mulher negra, tanto as dores provocadas em nós pelo

racismo, como as alegrias pelas conquistas e reivindicações de espaços que nos são negados, refletindo, assim, a realidade de leitoras que, assim como eu, se veem em suas narrativas. Ao ler as obras de Geni Guimarães vemos um reflexo de nós mesmas, essa identificação com os personagens não se trata somente de uma conexão com o texto literário, mas representa também uma conexão emocional com a nossa identidade. Ao ler as suas narrativas, não vemos somente uma representação pessoal, encontramos também a validação de nossas vivências e experiências (cf. Evaristo, 2020).

Essa representatividade, sobretudo positiva, presente nos textos de Geni Guimarães, vai muito além de uma identificação e reconhecimento, mas torna-se uma arma e fonte de inspiração para podermos narrar nossas próprias histórias. Isso abre caminhos para podermos compreender a literatura negra e nos sentirmos encorajados a contribuir com ela, ampliando ainda mais nossas vozes.

2.2 A cor da ternura: obra e reconhecimento

A cor da ternura (1989) é um livro de contos³ que aborda as experiências de personagens negros, sobretudo da protagonista Geni⁴, em diferentes fases de sua vida. Guimarães faz uso de sua escrita para denunciar as várias maneiras de opressão presentes no dia a dia e nas experiências da comunidade negra, em várias fases de suas vidas (inclusive na infância). Em cada conto, a autora nos apresenta os desafios enfrentados pelos/as personagens, como as dificuldades da maternidade/paternidade negra e os obstáculos a serem vencidos na busca por educação. No entanto, também estão presentes, em sua escrita, a resiliência e força necessárias para superar tais provações. Por meio dessas narrativas, a escritora convida a nós, leitores e leitoras, para confrontarmos a exclusão e o preconceito, ao mesmo tempo, em que celebra a força e identidade negra. Outros aspectos que também fazem parte da obra são o destaque para a importância da família e a importância da educação, características bastante evidentes no livro. A construção de uma identidade positiva e a autoaceitação também são elementos centrais que, sobretudo, desafiam as narrativas tradicionais. *A cor da ternura* (1989), além de refletir as lutas e a busca por pertencimento e construção de uma identidade, também celebra vitórias e conquistas.

³ Em 1988, Geni Guimarães publicou o livro *Leite do Peito*, como uma coletânea de contos. No ano seguinte, em 1989, a obra foi republicada sob o título *A Cor da Ternura* e algumas pessoas passaram a definir o texto como um romance. Por isso, ao longo do texto, me referirei a essa obra como uma coletânea de contos.

⁴ A protagonista do livro, assim como a autora, chama-se Geni; portanto, de agora em diante, ao me referir à autora, usarei o nome completo Geni Guimarães ou somente o sobrenome Guimarães.

Graças a sua singularidade, e importância da obra *A cor da ternura* (1989), Guimarães recebeu o Prêmio Jabuti (1990), na categoria de Literatura Infantil. O Jabuti é uma das premiações literárias mais importantes do Brasil. O Jabuti projetou a autora no cenário literário brasileiro e marcou um momento importante da literatura negro-brasileira. Pois, junto à premiação, veio o reconhecimento da importância de narrativas que trazem as vivências negras. Além do Prêmio Jabuti, a obra também recebeu o Prêmio Adolfo Aizen (1992), que homenageia autores/as que contribuem de maneira significativa para a literatura brasileira, essa premiação reconhece a qualidade de obras literárias e as suas contribuições no campo literário, cultural e social. Esses prêmios são de extrema relevância, não somente para Geni Guimarães, mas para toda a literatura negro-brasileira e para a sociedade, pois legitimam o espaço que ao longo da história foi dominado pelas narrativas distorcidas de autores brancos.

No entanto, apesar de sua trajetória brilhante e de suas realizações, Geni Guimarães ainda não possui o destaque, visibilidade e reconhecimento que fazem jus às suas contribuições. Mesmo com sua carreira extensa e sendo uma das pioneiras na literatura negro-brasileira, a autora não é lembrada e celebrada como da maneira que deveria. A respeito disso, Galdino (2020) pontua:

Nesse contexto, quando nos referimos ao reconhecimento de mulheres negras enquanto intelectuais e escritoras, a situação ainda é muito complexa e delicada. Por força do racismo e de tantas violências históricas, as mulheres negras que produzem literatura ainda são questionadas constantemente a respeito do que escrevem. Ainda é comum o discurso de que elas não escrevem literatura ou não produzem uma boa literatura. (Galdino, 2020, p. 19)

Essa pouca visibilidade e reconhecimento refletem um problema ainda presente em nosso cenário literário: trata-se de como as narrativas negras não são valorizadas e promovidas. Isso é reflexo dos obstáculos que a Literatura Negro-Brasileira ainda enfrenta; essas barreiras limitam o acesso dos(as) leitores(as) à rica obra de Geni Guimarães e outros(as) escritores(as) negros(as). É essencial celebrar, reconhecer e valorizar a luta de Geni Guimarães, com a mesma exaltação dada ao legado de outras autoras, sobretudo brancas, pois sua trajetória e legado foram construídos por meio de dedicação, afirmação e resistência. Portanto, é necessário que sua contribuição seja reconhecida de maneira justa, isso inclui o acesso às suas obras nas salas de aula das universidades e principalmente nas escolas de ensino fundamental e médio, assim como a realização de mais pesquisas acadêmicas que explorem o seu trabalho. É igualmente importante a promoção de eventos literários que divulguem as suas narrativas, pois a obra de Geni Guimarães deve ser prestigiada, por ser

importante na formação positiva de identidades negras, servindo como fonte de inspiração para os leitores(as) e escritores(as) que estão se descobrindo e iniciando as suas carreiras.

2.3 Fragmentos de ternura: resumo dos contos de *A cor da ternura*

O primeiro conto do livro *A cor da ternura* (1989) recebeu o título de “Primeiras lembranças”. A história é narrada na perspectiva da protagonista, Geni, que recorda as memórias carregadas de afeto da sua infância. A narrativa começa com o relato das lembranças dos momentos de amor e ternura que Geni vivia com a mãe, Bastiana, e dos momentos de carinho e cuidado que a menina compartilhava com as irmãs, Cecília, Cema, Arminda e Iraci. A maneira como esses momentos são descritos destacam a relação de afeto e cuidado que existe na família, o que nos revela, desde o início, a importância que a família de Geni tem em sua formação. No entanto, um conflito surge quando a sua mãe engravida e para de amamentá-la. O clímax da história ocorre quando a menina percebe que, mesmo ela e a sua família sendo negra, sentia-se livre de cumprir uma promessa que a fez chamar o seu irmão de Jesus, após perceber que o menino era negro. A partir desse acontecimento, fica evidente na narrativa a complexidade das questões relacionadas à identidade e pertencimento desde a infância. O conto também evidencia o papel fundamental do amor familiar na formação da identidade da protagonista e explora a percepção de sua identidade.

O conto seguinte chama-se “Solidão de vozes”, nele a personagem conta as mudanças que ocorreram na rotina de sua família após o nascimento de seu irmão Zezinho. A chegada do novo membro alterou a dinâmica familiar, pois a atenção e os cuidados dos seus pais e irmãos estavam voltadas para o bebê. Ao sentir-se deixada de lado, Geni passa a vivenciar um misto de ciúmes e solidão. Essa mudança emocional se reflete na recusa da menina em se alimentar, isso faz com que a família chegue à conclusão de que ela está com uma doença chamada Lombriga aguda. Porém, Geni revela que o mal que a acomete é a saudade dos momentos íntimos e da atenção que ela recebia da mãe e dos demais familiares. O ponto crucial da narrativa ocorre quando, comovida pelo sofrimento de sua família e principalmente pelo sofrimento de sua mãe, Geni decide voltar a se alimentar, isso é visto por todos como um milagre, em resposta a uma promessa que sua mãe fez a Nossa Senhora de Aparecida. A história termina em um momento de introspecção, quando a menina encosta a cabeça no colo de sua mãe e, ao provar disfarçadamente, percebe que o leite materno que antes era seu, agora pertence exclusivamente ao seu irmão, simbolizando a nova realidade de sua família.

No conto “Afinidades: olhos de dentro”, Geni inicia uma amizade inesperada com uma pequena aranha que há anos morava em sua casa, sem que ela soubesse. Através do primeiro diálogo, e do vínculo com a nova amiga, a menina aprende a ver o mundo com os chamados olhos de dentro. Esse novo olhar lhe permite ver além das aparências. O primeiro ponto alto da história acontece quando, graças ao que aprendeu com a sua amiga aranha, Geni passa a olhar para Zezinho (seu irmão mais novo) com mais afeição, criando ali uma relação que a faz enxergá-lo de maneira mais empática e profunda. A partir de então, fica estabelecida entre os dois a mesma relação de carinho e cuidado que existe entre os demais membros da família. Já o segundo ponto importante da história se dá quando a personagem passa a se sentir mais à vontade na companhia dos animais do que dos adultos que a cercam. Pois, para ela, os animais são capazes de enxergar da maneira que a sua amiga aranha lhe ensinou, ao contrário dos seres humanos. A partir disso, ela decide aprender a se comunicar com os animais, imitando os seus comportamentos e sons, como imitar os pássaros, miar ou pular como os sapos. Porém, sua família, preocupada com o seu comportamento peculiar, começa a acreditar que ela está acompanhada por um encosto, um espírito de natureza maléfica, que na narrativa é descrito como o espírito de Zumbi. Temendo os julgamentos e estar realmente acompanhada de um mal, Geni passa a reprimir o seu desejo de comunicar-se com os animais.

Em “Viagens”, a personagem demonstra ainda estar abalada pelos sentimentos reprimidos e pelos acontecimentos do conto anterior, o que a faz desejar mudar-se de casa, não com o objetivo de ficar longe de sua família, mas para encontrar um lugar onde ela consiga viver próxima dos animais. No entanto, Geni percebe que seu sonho é impossível, por temer a reação de sua família e principalmente a reação de sua mãe, além de também demonstrar preocupação com uma possível intervenção de Dona Chica, personagem que aparece nos contos anteriores da obra e que se trata de uma espécie de curandeira, que sempre é chamada para resolver os males da família. Consciente das consequências, Geni desiste de seu plano e se conforma, adotando os comportamentos das crianças ao seu redor. A tensão da narrativa aumenta quando a menina relata um dos episódios de racismo que sofreu por parte dos coleguinhas. Ao ser informada pela mãe que passaria a frequentar a escola, ela também relata o medo de ser chamada de ‘negrinha’ por um colega e revela estar cansada dessas situações, o que deixa evidente que o racismo é uma realidade constante em sua vida.

O quinto conto da obra chama-se “Tempos escolares”, nele Geni relembra mais um momento íntimo com sua mãe, a lembrança gira em torno de uma das ocasiões em que sua mãe trançava seu cabelo no dia anterior à ida a escola. Enquanto fazia o penteado, a mãe de Geni lhe aconselhava sobre a importância de estar sempre arrumada, com o cabelo bem

trançado, sem remelas nos olhos e com o nariz limpo. Além da memória de seu momento com a mãe, a menina também relembra as visitas de Nhá Rosária, que no livro é descrita como uma senhora negra que contava histórias da época da escravidão. É em um desses momentos que Geni ouve falar da Princesa Isabel e passa a vê-la como santa graças a narrativa de Nhá Rosária. No segundo momento desse mesmo conto, a personagem relata sobre a sua rotina na manhã seguinte, enquanto se prepara para ir à escola. Mais uma vez, sua mãe repete as recomendações do dia anterior e Geni a questiona sobre o porquê de ela precisar ter tanto cuidado com sua aparência, enquanto algumas crianças não demonstram ter a mesma preocupação. A resposta de sua mãe é que essas crianças eram brancas. O ponto principal dessa narrativa é quando Geni, após ter chorado, beija o rosto de sua professora ao final da aula. No entanto, ela percebe que a professora limpa o rosto e, ao olhar a palma da mão dela, percebe que a professora é branca. Com o sentimento de rejeição, a menina volta para casa triste e sozinha, mas encontra conforto no colo de sua mãe que, como sempre, a acolhe e enxuga suas lágrimas.

Em “A metamorfose”, um dos contos mais famosos de *A cor da ternura* (1989), são narrados os acontecimentos dos primeiros dias de aula do ano letivo seguinte ao episódio relatado em “Tempos escolares”. A narrativa começa com a descrição de um versinho escrito por Geni, em homenagem à Princesa Isabel. Com receio, ela guarda o poema em sua mochila e aguarda o momento ideal para mostrá-lo à professora. Contudo, somente no dia seguinte, ela encontra coragem para mostrá-lo e se enche de felicidade ao ser elogiada pelo seu trabalho. Após alguns dias, surge a oportunidade de recitar um poema para toda a escola, em comemoração ao dia 13 de maio. Geni recebe, então, a oportunidade para recitar o seu poema, mas antes da comemoração, a professora ministra uma aula sobre a data comemorativa. Nessa aula, a docente descreve como eram os escravizados de uma maneira que, para Geni, parece humilhante e diferente das histórias contadas por Nhá Rosária. Esse contraste entre as narrativas faz com que Geni passe por um momento de conflito interno e percepção da sua identidade racial. Ela passa a enxergar-se de maneira negativa, sentindo vergonha de sua cor e de seus antepassados, isso a leva a cometer um ato de violência contra si mesma, na tentativa de remover a cor de sua pele. Esse acontecimento torna-se um divisor de águas em sua história e na construção de sua identidade racial. A metamorfose refere-se a sua transformação interna e aos confrontos que Geni irá enfrentar contra a discriminação e os preconceitos raciais existentes na sociedade.

O sétimo conto do livro recebeu o título de “Alicerce”, nele a protagonista conta um momento íntimo e afetuoso com seu pai. Nessa lembrança, ele expressa o desejo de ter um filho com o mesmo destaque do jogador Pelé. Em meio a essa confissão, seu pai ainda expressa o sonho de ao menos conseguir a oportunidade de dar estudos aos filhos. Comovida pelas declarações do pai, Geni promete que se tornará professora e passa a se dedicar mais ainda aos estudos. Algum tempo depois, quando a protagonista já cursava o Ensino Médio, Geni e seu pai encontram o administrador da fazenda, que durante um diálogo afirma que pessoas negras como ela e seu pai eram feitas para o trabalho pesado e que investir em educação para os filhos era perda de tempo. No entanto, o seu pai a defende e em um momento de admiração por esse ato, Geni o compara a Deus, apesar de seu pai afirmar que não poderia existir um Deus preto, sendo tal afirmação uma blasfêmia. Esse momento fortalece o vínculo entre Geni e seu pai, culminando em um momento alegre com toda a família reunida. Logo, reforça-se a ideia do lar de Geni ser um espaço de afeto, união e cuidado.

O conto “Mulher” narra o momento de transição de Geni, de menina para mulher. A personagem relata as primeiras mudanças em seu corpo com a chegada da puberdade e o momento da sua primeira menstruação, mais uma vez, a sua mãe desempenha um papel fundamental, ao oferecer, em mais um momento de afeto, o amparo e acalento que somente uma mãe sabe ofertar nessas ocasiões. Ao final do conto, a narradora faz uma retrospectiva de cada fase da vida da protagonista. Nesse momento, é perceptível na narrativa o espaço de afirmação de identidade e reivindicação de espaços sociais.

Em “Momento Cristalino” a narrativa gira em torno da colação de grau de Geni, o conto começa com a protagonista descrevendo os preparativos para a cerimônia. Ela destaca como a sua família se organizou para que todos estivessem bem-vestidos e presentes em um momento tão especial e importante de sua vida. A personagem relembra, com afeição, o orgulho explícito e palpável de seus pais e irmãos que celebraram sua conquista sem se importarem com a formalidade ou pessoas presentes no evento. A narrativa destaca o imenso orgulho e satisfação de Mariano, o pai de Geni, que se sente realizado por conseguir dar estudos à filha. Todo clima de alegria e euforia continua em casa, onde todos relembram os momentos marcantes da celebração. Geni cumpre sua promessa de tornar-se professora, isto não representa somente uma realização pessoal, mas também uma vitória coletiva de sua família.

Em “Força flutuante”, a narrativa é voltada para o primeiro dia de aula de Geni como professora substituta. Logo de início, Geni mais uma vez precisa enfrentar os olhares críticos e de julgamentos que partem das mães e da diretora, que duvidam de sua competência em função de seu pertencimento racial. Apesar disso, o maior desafio surge quando, ao iniciar a aula, uma aluna se recusa a entrar na sala por medo da professora que é negra. Esse se torna o momento de tensão da narrativa, pois Geni sente a obrigação e necessidade de encontrar estratégias para conquistar a criança. Assim, a professora usa todos os meios para conquistar a afeição e confiança da menina: paciência, gentileza, carinho e empatia. Ao final, Geni consegue vencer essas barreiras e conquista a aluna, a partir desse momento, ela compreende de maneira mais profunda a sua missão como professora e mulher negra em um ambiente educacional.

3. A representatividade negra em *A cor da ternura*

A representatividade na obra *A cor da ternura* (1989) não se destaca apenas na construção de personagens carregados de complexidade e identidade, mas também, como uma ferramenta de subversão às narrativas tradicionais que apagam as experiências negras. Por meio de personagens como Geni e sua família, a autora oferece ao seu leitor e sua leitora um olhar que valoriza a identidade negra e traz luz sobre a luta contra o racismo e as barreiras impostas pela sociedade. Seus personagens desafiam e rompem estereótipos, além de reivindicarem espaços de poder. Guimarães também traz a educação e família como elementos essenciais de sua obra, e ressignifica as experiências negras na literatura, reafirmando e dando destaque à representatividade.

3.1 Identidade e resistência: o papel dos personagens na representação negra

Na obra *A cor da ternura* (1989), os personagens são construídos e descritos com uma riqueza de detalhes que vão além de suas características individuais, eles também trazem uma representação coletiva da identidade negra, materializando, dessa forma, o conceito de escrevivência (Evaristo, 2020). Assim, representam temas centrais da narrativa: a resistência ao racismo, afirmação de identidade e reivindicação de espaços. Uma das figuras mais marcantes dessa obra é Bastiana, mãe da Geni. Ela é representada como uma base fundamental na construção da identidade dos filhos, sobretudo da personagem principal do livro. Bastiana é retratada como uma mulher forte e, ao mesmo tempo, terna. Durante toda a narrativa, a sua presença na vida de Geni simboliza um lugar de conforto, afeto e resistência, como pode ser visto no trecho a seguir:

Em dado momento, vi minha mãe, que me esperava num ponto da estrada.
— Todo mundo já chegou, filha. Não fica mais pra trás. Larguei o pão no forno...
— Mãe, tem cobra sem cabeça?
— Lá vem você com besteira de novo. Claro que não. Por quê?
— É que...
Comecei a chorar de novo. Doía-me a cabeça. Doía-me o estômago. Ela pegou-me no colo e, com a ponta do avental, limpou meu rosto melado de lágrimas. Deitei-me no seu ombro e tentei explicar minha dor sem nome:
— Estou chorando porque estou com fome (Guimarães, 1998, p. 53).

A capacidade dela de cuidar, guiar e proteger a família representa força com delicadeza e rompe com os estereótipos presentes nas narrativas que negavam a personagem da mulher negra o papel da maternidade e o direito de cuidar dos próprios filhos e família. Sobre essa discussão, Evaristo afirma que

A ficção ainda se ancora nas imagens de um passado escravo, em que a mulher negra era considerada só como um corpo que cumpria as funções de força de trabalho, de um corpo-procriação de novos corpos para serem escravizados e/ou de um corpo-objeto de prazer do macho senhor. Percebe-se que a personagem feminina negra não aparece como musa, heroína romântica ou mãe. Mata-se no discurso literário a prole da mulher negra, não lhe conferindo nenhum papel no qual ela se afirme como centro de uma descendência (Evaristo, 2009, p. 23).

Portanto, Bastiana rompe com essas representações e ocupa um espaço de relevância, o seu papel de mãe torna-se um símbolo de força, resgatando o direito de construir uma narrativa baseada em afeto, desafiando, dessa forma, a visão que historicamente negou a essas mulheres o lugar de cuidadoras e pilar de suas famílias.

Por sua vez, Mariano, pai da protagonista, também desempenha um papel fundamental na história, representado como um homem simples, trabalhador do campo e sonhador. Ele tem como principal desejo proporcionar o melhor para a mulher Bastiana e os seus filhos(as). Mariano simboliza a luta constante contra as barreiras impostas pelo racismo que roubam e limitam as oportunidades oferecidas à população negra, dentre elas está o acesso à educação. O seu anseio por ao menos conseguir dar aos filhos a oportunidade de estudar servem de inspiração e força para Geni superar os obstáculos e limitações que o pai também enfrentou. Nos contos, a figura paterna está representada de maneira positiva, pois Mariano é um pai presente e amoroso, dentro das suas limitações, e que se dedica aos filhos e à esposa. Esse fato pode ser observado no conto “Alicerce”, baseando-se no trecho a seguir:

Meu pai chegou do trabalho na lavoura, tirou do ombro o bernal com a garrafa de café vazia e sentou-se num degrau da escada da porta da cozinha (...)
— Se a gente pelo menos pudesse estudar os filhos...
Senti uma pena tão grande do meu velho que nem pensei para perguntar:
— Pai, o que mulher pode estudar?
— Pode ser costureira, professora... — deu um risinho forçado e quis encerrar o assunto. — Deixemos de sonho.
— Vou ser professora — falei no sopro.
Meu pai olhou-me como se tivesse ouvido uma blasfêmia.
— Ah! Se desse certo... nem que fosse pra eu morrer no cabo da enxada. —
Olhou-me com ar de consolo. — Bem que inteligência não te falta.
— É, pai. Eu vou ser professora (Guimarães, 1998, p. 67-68).

O trecho revela o sonho de Mariano em proporcionar educação para os/as filhos/as e demonstra sua ansia por um futuro melhor, mesmo diante das dificuldades. O diálogo com Geni revela, além da dura realidade e das circunstâncias, um vínculo baseado em afeto e esperança. Ao declarar que dedicaria o resto de sua vida ao trabalho duro na lavoura para ver os filhos estudando, ele mostra seu papel de pai amoroso, desejando que os filhos superem as barreiras que ele enfrentou. A construção de Mariano, portanto, vai ao encontro de uma característica típica da literatura negro-brasileira, como apresentei anteriormente: a humanização do corpo negro, a devolução de sua subjetividade (Cruz; Tofanelo, 2019).

Os irmãos de Geni, Zezinho, Cema, Cecília, Arminda e os demais, aparecem na narrativa com diferentes personalidades e enriquecem a história, pois criam uma dinâmica familiar e expressam a complexidade das relações de família. Além disso, eles contribuem para a formação da protagonista. Por exemplo, as suas irmãs mais velhas são fonte de carinho, afeto, cuidado e atenção, enquanto Zezinho, ao menos no início da trama, provoca, em Geni, o sentimento de ciúmes, que depois tornou-se afeição. Essa interação com os irmãos ilustra de maneira concreta as relações familiares, em que assim como o amor, as situações de conflito estão presentes e elas moldam a identidade e personalidade de seus membros. Fica evidente que tanto essas relações, quanto a família, são fundamentais para a formação de Geni e, apesar das tensões naturais, o ambiente familiar é o local de amparo, proteção e afeto da personagem. Sobre isso, bell hooks afirma, em sua obra *Tudo sobre o amor* (1999), que “Nós aprendemos sobre o amor na infância. Seja nosso lar feliz ou problemático, nossa família funcional ou disfuncional, é essa a primeira escola do amor” (bell hooks, 1999, p. 59).

Esse pensamento de hooks reforça a importância da família na formação da criança e na sua compreensão do amor. Ao declarar que é na infância que se aprende sobre o amor, a autora reforça como as relações no ambiente familiar, sejam elas positivas ou negativas, desempenham um papel fundamental no modo como os indivíduos se relacionam com as pessoas e o mundo ao seu redor, no decorrer de suas vidas. Portanto, as relações entre Geni e os seus irmãos, além de moldar a sua personalidade, também refletem os aprendizados do início de sua vida e que ela carrega consigo, contribuindo para a sua capacidade de amar e lidar com as suas relações futuras.

Geni, a personagem principal da obra, é representada como uma figura multifacetada, sensível e curiosa que por meio de reflexões profundas de pertencimento e identidade passa por uma evolução ao longo das narrativas presentes nos contos. A relação com sua família, o amor e cuidado que existem entre eles são pontos fundamentais para a construção da sua identidade e personalidade. Essa relação familiar, baseada em afeto, contrasta com as experiências de racismo vividas por Geni que, apesar dos desafios, mostra-se determinada a confrontar os julgamentos e discriminações sociais. Seu objetivo é ocupar os espaços de autoridade e poder, como as mulheres negras vêm historicamente reivindicando (cf. Novaes, 2023). Isso podemos observar na seguinte parte do texto:

Sou, desde ontem da minha infância, bagagem esfolada, curando feridas no arquitetar conteúdo para cofre dos redutos. Messias dos meus jeitos, sou pastora do meu povo cumprindo prazerosa o direito e o dever de conduzi-lo para lugares de harmonia. Meu porte de arma tenho-o descoberto e limpo entre, em cima, embaixo e no meio do cordel das palavras (Guimarães, 1998, p.90).

O trecho representa a complexidade de Geni e o seu desenvolvimento no decorrer da narrativa. O uso da expressão “bagagem esfolada” reflete as experiências e os desafios enfrentados pela protagonista e indica que as suas vivências, ainda que marcadas pelas feridas provocadas pelo racismo, também fizeram dela uma mulher resiliente. Geni revela seu papel de liderança e o compromisso de conduzir seu povo aos espaços de poder, ao se autodenominar “pastora de seu povo”. Essa autoafirmação simboliza o seu empoderamento e transformação. A passagem não destaca somente a força da personagem, mas também a sua determinação na busca por ocupar os espaços sociais que lhe foram negados.

3.2 Sob alicerces sólidos e momentos cristalinos

No conto “Alicerce”, Guimarães aborda a valorização da família e educação de maneira sensível, mostrando com orgulho a dinâmica familiar dos personagens negros. O foco principal da narrativa está no desejo de Mariano, pai de Geni, em proporcionar uma vida melhor para filha, por meio da educação, direito esse que, por vezes, é negado à população negra (cf. Gaia *et al.*, 2021). O título do conto, “Alicerce”, apresenta-se de maneira muito significativa e simbólica, pois representa tanto a família, quanto o pai da personagem, que são a sua base sólida. Somado a isso, alicerce também nos remete à valorização da educação, que Mariano considera o pilar fundamental para a ascensão de seus filhos, conforme o excerto apresentado anteriormente.

Por meio da sua determinação em garantir um futuro melhor para Geni, Mariano rompe com os estereótipos de homem negro submisso e sem autonomia, pois, frequentemente, na literatura canônica, essa figura é retratada “ou como escravo imoral, demônio, ou resignado e fiel. E de uma lealdade indescritível!” (Castilho, 2004). Esse rompimento fica evidente quando ele enfrenta o administrador da fazenda, que o critica por investir em educação para a filha. Ao confrontá-lo, ele reivindica o seu papel de liderança, como podemos observar em seu diálogo com o patrão:

— Não tenho nada com isso, mas vocês de cor são feitos de ferro. O lugar de vocês é dar duro na lavoura. Além de tudo, estudar filho é besteira. Depois eles se casam e a gente mesmo...

A primeira besteira ficou sem resposta, mas a segunda mereceu uma afirmação categórica e maravilhosa que quase me fez desfalecer em ternura e amor.

— É que eu não estou estudando ela para mim — disse meu pai. — É pra ela mesmo (Guimarães, 1989, p. 69).

A resposta de Mariano ao administrador da fazenda não demonstra somente a sua indignação, mas também resistência ao recusar a ideia de que educação não é para os negros. As suas palavras reafirmam o seu papel de pai dedicado e o seu rompimento com as

limitações impostas pelo preconceito racial, mostrando o quanto ele valoriza a educação e valida os sonhos de sua filha. “Alicerce”, destaca, desafia os estereótipos frequentemente presentes na literatura canônica, pois coloca o pai de Geni como um homem de visão, resistência e coragem. Além disso, a atitude de Mariano garante que Geni tenha o direito de estudar com dignidade e faz da educação uma arma poderosa. Somado a isso, a representação positiva da educação e família, no conto, traz uma narrativa de valorização da identidade cultural, especialmente por meio de Geni e Mariano, descritos como personagens resilientes e insubmissos. Pois, ao fazer da educação um mecanismo de resistência ao racismo, Mariano reforça a importância do papel transformador do conhecimento na vida de sua filha, ele demonstra que a educação não é apenas uma conquista pessoal, mas uma revolução contra uma sociedade que busca manter pessoas negras em espaços subalternos.

Por meio desse ato, Geni Guimarães nos mostra, em sua narrativa, uma identidade racial negra valorizada, que rompe com as barreiras impostas pelo racismo. Isso é indispensável para a desconstrução da ideia frequentemente presente em nossa sociedade de que pessoas negras estão designadas a realizar os trabalhos braçais que ninguém mais quer fazer ou que esses indivíduos não possuem uma perspectiva de progresso e ascensão social. A escolha do pai de Geni em investir na educação apresenta um caminho de emancipação que desafia as narrativas dominantes (narrativas que limitam os personagens negros aos papéis de inferioridade ou ao apagamento).

A valorização racial e as representações positivas também podem ser observadas na relação entre Geni e seu pai, a confiança que ele deposita em sua filha ao acreditar em seu potencial demonstra uma visão paterna que rompe com a ideia de que o papel da mulher na sociedade está voltado exclusivamente para os lugares de servidão e inferioridade.

É possível notar um aspecto importante da narrativa, que é o empoderamento feminino de Geni. Pois, ao escolher não se contentar com os papéis de subserviência e ir em busca do seu sonho, tornar-se professora, a protagonista assume uma posição de autoridade e respeito, algo que confronta a imagem das mulheres negras na literatura canônica que, como já dito anteriormente, muitas vezes eram retratadas em posições de inferioridade.

É possível observar isso, em uma conversa entre Geni e Mariano, a menina pergunta: “— Pai, o que mulher pode estudar? [ao que ele responde:] — Pode ser costureira, professora... [...] [Geni, por sua vez, afirma:] — Vou ser professora — falei no sopro. [...] [Mariano então responde:] — Ah! Se desse certo... nem que fosse pra eu morrer no cabo da enxada” (Guimarães, 1989, p. 68). Então, mais adiante, Mariano reitera: “— Ele pode até ser branco. Mas mais orgulhoso do que eu não pode ser nunca. Uma filha professora ele não vai

ter” (Guimarães, 1989, p. 69). Esses momentos mostram como, mesmo enfrentando dificuldades, Mariano acredita no potencial de Geni, subvertendo estereótipos e reafirmando a importância da educação como um caminho para a emancipação.

A representatividade positiva também é observada no conto quando, após o encontro com o administrador da fazenda, em um momento de admiração, Geni expressa sua visão do pai como uma figura quase divina. Em um diálogo significativo, ela diz: “— É que se ele fosse preto, quando ele morresse, o senhor podia ficar no lugar dele. O senhor é tão bom!” (Guimarães, 1998, p. 70). Essa visão reflete a força e a determinação que Mariano representa para Geni e sua família. Essa comparação de Geni representa mais um rompimento dos padrões tradicionais e uma reconstrução da ideia que ela tinha no conto “Primeiras lembranças”, quando se sentiu desobrigada a chamar o irmão, Zezinho, de Jesus, por ele ser negro.

Esse rompimento e desconstrução de símbolos impostos pelos padrões estabelece uma conexão com a crítica feita pelo escritor e ativista quilombola Nego Bispo (Antonio Bispo Santos), ele era uma voz na luta pela preservação das tradições e direitos dos povos quilombolas. Santos (2020) explica que o deus eurocristão estabelece uma relação limitada e vertical com a natureza e o cosmos, impondo uma visão sintetizada da vida. Entretanto, os povos tradicionais possuem um pensamento mais orgânico e conectam-se de uma maneira mais circular com a natureza e as divindades. Sendo assim, Geni, ao comparar a figura de Mariano, enquanto pai, a algo divino, rompe com essa visão imposta e valoriza as próprias referências.

O conto também destaca a importância da família como um pilar fundamental para alcançar o sucesso em todas as áreas da vida. O afeto e o apoio, presentes no lar de Geni, reforçam a ideia de que, apesar das dificuldades impostas pela sociedade, a família é um agente importante na luta e resistência ao racismo. “Alicerce” é uma exaltação da resistência negra e da importância da educação, por meio de Geni e Mariano, Guimarães oferece um novo olhar positivo e fortalecedor da luta contra o racismo e contra as imposições da sociedade, ela rompe com os estereótipos literários tradicionais e oferta um olhar positivo e empoderado da comunidade negra.

Já em “Momento cristalino”, Geni Guimarães tece uma narrativa que valoriza a conquista de Geni por meio da educação e destaca que tal conquista não é somente pessoal, mas também de toda a família. O foco da história está na sua cerimônia de colação de grau, o evento representa a superação das barreiras sociais e raciais que negam o acesso à educação e reconhecimento às pessoas negras. O tal momento cristalino, título do conto, é representado

por essa realização de Geni, que a partir desse momento, compreende a importância e o valor da sua conquista, tanto para ela, quanto para a sua família. Essa conquista coletiva é representada no momento em que a personagem recebe o certificado e é celebrada pelos pais e irmãos:

Fui chamada para receber o certificado. Eles, meus pais, não se puderam conter só com as palmas. Levantaram e me aplaudiram em pé. Mãos abertas, barulhentas, livres. [...] me aplaudindo e apontando, como se só eu existisse ali, como se no momento eu estivesse me apossando da chave do céu (Guimarães, 1998, p. 81).

Assim como em “Alicerce”, a educação representa um forte instrumento de resistência contra a exclusão social e o racismo. Enquanto no primeiro conto Geni toma a decisão de tornar-se professora e recebe todo o apoio do pai, em “Momento cristalino”, ela se forma professora, reivindicando um espaço de respeito e autoridade que, ao longo da história, foi negado às mulheres negras. O percurso traçado pela personagem subverte as narrativas dominantes ao apresentar uma mulher negra alcançando uma posição de destaque e liderança, rompendo com a visão que limitava essas mulheres a posições de subserviência (cf. Evaristo 2009), mostrando que a educação pode levar a espaços de influência e poder. Essa ascensão também é representada no momento em que Geni entrega o diploma ao pai: “Eu, princesa, entreguei meu certificado ao rei, que o embrulhou no lenço de bolso e passou a carregá-lo como se fosse um vaso de cristal” (Guimarães, 1998, p. 82).

O conto também destaca o papel da família para a jornada da personagem, a presença de seus familiares, sobretudo os pais, em sua colação de grau, demonstram o orgulho que eles sentem e a importância do apoio familiar no sucesso de Geni. No trecho a seguir podemos observar essa união: “Em casa, tomados de euforia, começamos a relembrar os acontecimentos da festa. Rimos das palmas fora da hora, das mãos do meu pai segurando as orelhas, da cara do diretor ao vê-los donos do ambiente” (Guimarães, 1998, p. 82). A sua família é representada de maneira positiva, afetuosa e unida, essa representação confronta os estereótipos literários que retratam as famílias negras como desestruturadas e fragmentadas. Todo o apoio emocional que Geni recebe de seus pais, ao longo de sua trajetória, é um fator essencial para o seu sucesso, isso reforça ainda mais que o seu triunfo simboliza uma vitória coletiva.

Outra temática que também é abordada nas duas narrativas é o empoderamento feminino, dessa vez, retratando Geni como uma mulher negra que desafia os padrões sociais impostos a ela. Porque ela opta por trilhar uma jornada acadêmica e alcançar o posto social de professora, a personagem se torna um símbolo de inspiração, luta e resistência para outras

mulheres negras, criando um impacto positivo ao seu redor e servindo de exemplo para outras jovens que enfrentam os mesmos desafios. Sendo assim, ressalto que o título do conto, “Momento cristalino”, é uma metáfora para a realização de Geni enquanto mulher negra, empoderando-se e ocupando espaços de poder que antes lhes eram negados, servindo como um exemplo de resiliência e resistência.

Portanto, a conquista de Geni reforça a relevância de mulheres negras ocuparem espaços de liderança e autoridade. Ao ocupar esses locais, a personagem honra a sua ancestralidade e se torna referência para as próximas gerações, além de reivindicar o seu lugar na sociedade, desafiando as limitações impostas pelo racismo e sexismo. Assim como disse Lélia Gonzalez (1984), “o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira. Nesse sentido, veremos que sua articulação com o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular” (Gonzalez, 1984, p. 224). Logo, ao conquistar os espaços de poder, Geni desafia essas opressões e cria novas narrativas. Por fim, “Momento cristalino” é uma narrativa sobre superação, empoderamento e afeto familiar. Por meio da educação, do amor e apoio de sua família, Geni rompe com as limitações e estereótipos impostos pelo racismo e transforma tanto a sua vida, quanto a de seus familiares.

3.3 Empoderamento e resistência: personagens em ascensão nas narrativas de Geni Guimarães

Os contos “Alicerce” e “Momento cristalino”, ainda que de maneiras diferentes, abordam temas que estão relacionados a valorização da educação, importância da família, resistência ao racismo e empoderamento feminino. Eles reforçam a mensagem de transformação social e construção de identidade racial e de gênero, temas que estão presentes em toda a obra. Ambos os contos retratam a educação como um caminho para a ascensão social e como uma arma de resistência ao racismo. Nas duas narrativas, Guimarães faz da educação um símbolo de metamorfose pessoal para os personagens negros, que enfrentam os obstáculos sociais que lhes roubam as oportunidades e espaços de poder.

Em “Alicerce”, Mariano vê a educação como uma maneira de romper com os obstáculos impostos pela sociedade racista, por isso ele faz de tudo para garantir que Geni tenha acesso à educação, negando-se a aceitar a ideia do administrador da fazenda de que pessoas negras estão destinadas somente ao trabalho duro. A ruptura com esse imaginário limítrofe é o ponto central da narrativa desse conto. Mariano é a personificação da resistência e do apoio necessários para que Geni alcançasse o seu objetivo, transformando a sua realidade

e de sua família.

Em ambos os contos, a educação também é apresentada como um dos temas centrais, e se trata de uma continuidade da trajetória de Geni e de sua família para que ela alcançasse o seu objetivo, quebrando um ciclo de marginalização e subvertendo as narrativas tradicionais que colocam as mulheres negras em posições subalternas. Tanto Geni, quanto seu pai, em ambos os contos, valorizam e reconhecem a importância e o poder do conhecimento como uma ferramenta de emancipação e resistência, rompendo com os estereótipos impostos pelo cânone.

O empoderamento feminino também é uma temática presente nos dois contos. No primeiro, Mariano incentiva sua filha a estudar e tornar-se professora. O ato de optar por buscar a educação, por si só, é um confronto contra os estereótipos de raça e gênero, que relega a mulheres negras os espaços subalternizados. No segundo conto, esse empoderamento aparece quando Geni, finalmente, chega ao auge do seu objetivo, ao concluir sua graduação. Além disso, a família também é retratada como um pilar essencial, servindo tanto como apoio, quanto como resistência, para o sucesso de Geni. Mariano é um personagem central no conto “Alicerce” e oferece uma base e segurança para a filha. Da mesma forma, em “Momento cristalino”, a presença dos pais e irmãos de Geni na cerimônia da sua colação de Grau representa a importância e o impacto da família em sua trajetória. Conforme destacado no excerto a seguir:

Minha mãe me bebia através dos ares do meu pai, que, embevecido, ajeitava a gola da camisa, propositalmente, me segredando que estava feliz. Fui chamada para receber o certificado. Eles, meus pais, não se puderam conter só com palmas. Levantaram e me aplaudiram em pé. Mãos abertas, barulhentas, livres. Meus irmãos, contagiados, perderam a timidez e também se puseram em pé, me aplaudindo e apontando, como se só eu existisse ali, como se no momento eu estivesse me apossando da chave do céu. (Guimarães, 1989, p. 81)

Assim, Geni Guimarães apresenta uma imagem de família que modifica o imaginário que representa as famílias negras como desestruturadas e sem afeto. Esse novo olhar reafirma o amor, apoio mútuo e o companheirismo entre os familiares, expressando como essas relações são fundamentais para o fortalecimento e empoderamento individual, pois “quando amamos, expressamos cuidado, afeição, responsabilidade, respeito, compromisso e confiança” (hooks, 1999, p. 55).

A resistência racial e a valorização racial também é um tema presente em “Alicerce” e “Momento cristalino”, assim como em toda a obra. Geni e seu pai resistem ao racismo ao

insistirem na busca por educação e ao se recusarem a aceitar a imposição dos trabalhos braçais como única opção viável, o posicionamento de ambos reforça a resistência coletiva da população negra. Geni também executa esse ato de resistência ao concluir sua graduação e rejeitar as limitações e imposições sociais que a impediam de ocupar os espaços de destaque.

Dessa forma, em ambos os contos analisados, Geni Guimarães comemora as conquistas de seus personagens negros, e rompe com os estereótipos de gênero e raciais presentes na literatura canônica, além de valorizar a educação como uma ferramenta de transformação social. Ao tornar-se professora, Geni rompe com os papéis subalternos e se torna símbolo de empoderamento e representatividade feminina. O apoio e o afeto de seus pais e irmãos destacam a importância da família como alicerce fundamental nesses processos para superar as barreiras impostas pelo racismo. Finalmente, Guimarães constrói histórias que revolucionam as narrativas dominantes e ainda reforçam o poder transformador da educação e da resistência coletiva.

Considerações finais

Ao iniciar o processo de escrita deste trabalho, eu tinha como objetivo discutir a importância da representatividade negra na literatura, sobretudo a representatividade positiva na obra *A cor da ternura* (1989), de Geni Guimarães, evidenciando como a autora subverte as representações estereotipadas das narrativas tradicionais, oferecendo novas imagens e representações para os personagens e as personagens negras. Por meio da análise dos contos “Alicerce” e “Momento cristalino”, foi possível mostrar que Geni Guimarães traz, na construção de suas narrativas, aspectos subjetivos e complexos que transmitem tanto a dor, quanto a resiliência das vivências dos indivíduos presentes em seus textos, no entanto, o foco não está voltado somente para as lutas, mas também são apresentados aspectos de suas potencialidades e conquistas.

Logo, concluo que foi possível explorar e evidenciar como a autora reconfigura a imagem da mulher negra, rompendo com as representações estigmatizadas presentes na literatura canônica. Além disso, durante o desenvolvimento deste trabalho, discuti aspectos fundamentais da literatura negro-brasileira e sua importância no âmbito literário do Brasil, pois será construído a partir desse novo olhar um novo cânone brasileiro, no qual escritores e escritoras, como Geni Guimarães, terão a oportunidade de expressar, por meio de suas obras, as vivências e experiências coletivas de maneira autêntica.

Considerando esse panorama, comprovou-se que *A cor da ternura* (1989) ocupa um importante lugar de destaque nesse movimento, por trazer personagens que reivindicam seus espaços e narrativas, desafiando o apagamento histórico e construindo representações positivas e complexas da identidade negra

Vale ressaltar que, ainda que o trabalho tenha atingido os objetivos propostos, é importante haver um espaço para aprofundamentos e novas pesquisas. Até mesmo pesquisas que considerem analisar outras obras de Geni Guimarães e de outras autoras contemporâneas, como Miriam Alves, Cristiane Sobral, Taylane Cruz e demais escritoras, visando explorar como os seus textos literários constroem a imagem negra e contribuem para as representações positivas.

Portanto, entendo que *A cor da ternura* (1989) é uma obra de extrema importância e referência para a literatura brasileira, pois além de trazer representações positivas por meio da construção de seus personagens negros, também atua como um ponto de partida para refletirmos sobre o papel da literatura em uma formação social mais inclusiva e justa.

Ao concluir essa jornada de desenvolvimento e pesquisa, não há como não considerar os significados que este trabalho apresenta, não só no âmbito acadêmico, mas, sobretudo, para mim, enquanto mulher negra, pesquisadora e especialmente como professora. Pesquisar e escrever sobre representatividade negra positiva na obra *A cor da ternura* (1989) de Geni Guimarães foi um exercício de autoconhecimento e principalmente um ato de resistência contra a literatura tradicional.

Este Trabalho de Conclusão de Curso não representa somente mais um trabalho acadêmico, entre tantos que fiz no decorrer dos meus seis anos de graduação, ele é o resultado de uma trajetória que começou muitos anos antes da universidade, começou na menina Mércia que carinhosamente chamo de Mercinha. Ela que sempre alimentou o sonho de cursar o Ensino Superior e trazer orgulho para a família que sempre a apoiou. Para ela, ou melhor, para nós, esse trabalho representa o encontro com uma literatura na qual nos vimos representadas e sentimos finalmente a nossa existência acolhida. É a realização de um desejo antes desconhecido de se entender, de se ver e de se fortalecer através da escrita de outras mulheres negras.

Hoje, a Mércia que escreve estas palavras é uma jovem professora, a poucos passos de conquistar o "canudo de papel", como o prometido. Essa mesma Mércia se reencontra em cada linha dessa pesquisa, reconhecendo a importância de trabalhar com literatura negro-brasileira nas salas de aula, de ampliar vozes e trazer visibilidade às histórias e vivências de tantas outras meninas e meninos que, como eu, não se viram nas leituras durante a infância. Este trabalho tem, para mim, a marca de uma construção identitária, pois ao discutir a representatividade positiva na obra de Geni Guimarães, revisito não só a história da literatura, mas também a minha própria história.

Olhando para o futuro, vejo que a Mércia de amanhã continuará a sonhar. E, mais do que isso, continuará a realizar. O trabalho que desenvolvi não se encerra com a entrega e defesa deste TCC, mas se expande para a minha prática docente, para o meu compromisso com a educação e, principalmente, para o meu comprometimento em auxiliar no processo de construção da identidade positiva das minhas alunas e dos meus alunos negros. Afinal, este é apenas o início de um caminho de descobertas, e eu sei que ainda há muito a ser conquistado e transformado.

Referências

CASTILHO, Suely Dulce. A representação do negro na literatura brasileira: novas perspectivas. *Olhar de Professor*, v. 7, n. 1, p. 103-113, 2009. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/1418>. Acesso em: 30 de ago. 2024.

CUTI. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro-Brasileiro, 2010.

CRUZ, Rosângela Aparecida Cardoso; TONAFELO, Gabriela Fonseca. Entre presenças e ausências: vozes negras na literatura brasileira contemporânea. *Revista Intertexto*, v. 12, n. 2, p. 102–122, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.18554/ri.v12i2.4048>. Acesso em: 02 de set. 2024.

EVARISTO, Conceição. Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza; SCHNEIDER, Liane (org.). *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. 2. ed. João Pessoa: Editora do CCTA, 2020. p. 219.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Revista Scripta*, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365>. Acesso em: 02 de set. 2024.

EVARISTO, Conceição. *Olhos D'Água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico* [livro eletrônico]. São Paulo: Cortez, 2013.

SOBRAL, Cristiane. *Não vou mais lavar*. Rio de Janeiro: Malê, 2022.

FERNANDES, Leonísia Moura; GOMES, Raíza Feitosa. O legado colonial da violência sexual no Brasil. *Revista Tamo juntas*, n. 1, p. 19-29, 2020.

GAIA, Ronan da Silva Parreira. Ações afirmativas como garantia e direito à educação da população negra no Brasil. *Educação: teoria e prática*, v. 31, n. 64, p. 1-16, 2021. Disponível em:

<https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/14647/12077>.

Acesso em 30 ago. 2024.

GALDINO, Polliana Da Penha Silva. *Da Menina à Mulher: o processo de afirmação racial na obra A cor da ternura*, de Geni Guimarães. 2021. 49 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Federal da Paraíba, 2021. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/19838?locale=pt_BR. Acesso em 30 ago. 2024.

GUIMARÃES, Geni. *A cor da ternura*. São Paulo: FTD Educação, 2019.

NOVAES, Leila Carla Antunes. *Representatividade das mulheres negras: a construção de possibilidades e potencialidades educativas*. 2023. 100 f. Dissertação (Pós-Graduação em Educação)- Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2023. Disponível em: https://www.oasisbr.ibict.br/vufind/Record/UFMS_1795fd42a7517b49dc43730613dade47.

Acesso em 30 ago. 2024.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

TEXEIRA, Natalia Gonçalves. *O ensino de literatura negro-brasileira: a produção da consciência étnico racial em salas de Ensino Fundamental II em uma escola de Guanambi-Ba*. 2024. 99f. Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade do Estado da Bahia, 2024. Disponível em: <https://saberaberto.uneb.br/items/1cb971aa-f3f5-491b-9bb7-26b17bb44464>. Acesso em: 10 de set. 2024.

BRASIL. *Lei n. 9.394*, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, [2020]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 30 ago. 2024.

BRASIL. *Lei n. 10.639*, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e cultura afro-brasileira", e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, [2020]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.639.htm. Acesso em: 30 ago. 2024.

HOOKS, bell. *Tudo Sobre o Amor*. São Paulo: Editora Elefante, 2021.

HOOKS, bell. *Olhares negros raça e representação*. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

CAVALLEIRO, Eliane. *Do silêncio do lar ao silêncio escolar*. 6. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

GUIMARÃES, Geni. *Terceiro Filho*. 1. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2022.

GUIMARÃES, Geni. *Leite do Peito*. 3. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2001.

GUIMARÃES, Geni. *O pênalti*. Rio de Janeiro: Malê, 2019.

GUIMARÃES, Geni. *Poemas do regresso*. Rio de Janeiro: Malê, 2020.

SANTOS, Antonio Bispo. Somos da terra. *Piseagrama*, Belo Horizonte, n. 12, p. 44-51, ago. 2018. Disponível em: <https://piseagrama.org/artigos/somos-da-terra/>. Acesso em 20 de set. 2024.

GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, São Paulo, p. 223-244, 1987.

